

ARTIGO

DOIS MOMENTOS DA RECEPÇÃO

CRÍTICA PORTUGUESA DE A EDUCAÇÃO

PELA PEDRA*

Solange Fiuza**

Resumo: neste artigo acompanho a recepção crítica portuguesa de *A Educação pela Pedra*, na década de 1960 e na contemporaneidade, a partir de duas leituras do livro uma de 1966, de autoria de Arnaldo Saraiva e outra publicada por Abel Barros Baptista quase 40 anos depois.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto. *Recepção crítica. Crítica portuguesa.*

O acolhimento crítico de João Cabral de Melo Neto em Portugal, no passado e no presente, pode ser acompanhado por meio do exame da recepção de *A educação pela pedra*. Publicado em 1966 no Brasil, o livro foi rapidamente lido por críticos portugueses, como Arnaldo Saraiva (1966), Eduardo Prado Coelho (1967) e Óscar Lopes (1968) e permanece sendo prestigiado por parte daqueles que, em Portugal, ainda se interessam pela literatura brasileira. Comprova isso a sua edição, em 2006, pela Editora Cotovia, e as análises sobre ele saídas em *O Livro agreste* (2005), de Abel Barros Baptista.

A proposta deste trabalho é acompanhar a recepção portuguesa de *A educação pela pedra* nesses dois momentos, década de 1960 e contemporaneidade, a partir de duas leituras do livro, uma de 1966, de autoria de Arnaldo Saraiva, e outra publicada por Abel Barros Baptista quase 40 anos depois. A escolha desses dois críticos que representam paradigmas diversos não é aleatória, mas deve-se à exemplaridade temporal de seus trabalhos e ao fato de eles examinarem o livro a partir de um argumento bem delimitado.

* Recebido em: 16.11.2020. Aprovado em: 28.12.2020.

** Professora titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Goiás. Bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: solfiuza@gmail.com.



DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/gua.v10i1.8790>

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição Sem Derivações 4.0 CC

ANTECEDENTES DA RECEPÇÃO PORTUGUESA DE A EDUCAÇÃO PELA PEDRA NOS ANOS 1960

As primeiras leituras portuguesas de *A educação pela pedra* dá-se em um contexto bastante favorável à circulação da poesia brasileira e à recepção de João Cabral em Portugal, poeta que, nessa altura, já era bastante lido e admirado no país.

A publicação de obras de Cabral por editoras portuguesas exerceu um importante papel nessa recepção, pois tornou sua poesia mais acessível e deu ensejo a um número considerável de resenhas.

Em 1960, saiu, graças à mediação de Alexandre O'Neill, a edição príncipe de *Quaderna* pela Guimarães Editores, na coleção Poesia e Verdade; obra que só seria publicada no Brasil no ano seguinte na reunião *Terceira Feira*.

Saraiva (2014), hoje professor emérito da Universidade do Porto, conta que, conhecendo três ou quatro poemas de Cabral, tomou consciência de que se tratava de um poeta de exceção quando, calouro na Faculdade Letras da Universidade de Lisboa, pôde ler *Quaderna* nessa primeira edição.

Enquanto o então jovem estudante de Letras descobriu a excepcionalidade da poesia cabralina por meio desse livro, o conhecido crítico presencista João Gaspar Simões (1960) publicou uma resenha no *Diário de Notícias*, de Lisboa, em que contempla *Quaderna* ao lado de *Tempo espanhol*, de Murilo Mendes, publicado em 1959 pela Editora Moraes, na coleção Círculo de Poesia, e principia destacando o empreendimento editorial português que convida brasileiros para figurarem ao lado de portugueses no inventário da “moderna poesia nacional”. Gaspar Simões já conhecia Cabral e a sua poesia, tendo publicado um artigo, em 1950, na revista *A Manhã*, do Rio de Janeiro, sobre *O engenheiro, psicologia da composição com Fábula de Anfion e Antiode e O cão sem plumas*.

Andresen (1960) também publicou um artigo na revista católica *Encontro* no mesmo ano da publicação de *Quaderna* em que cita poemas desse livro e da reunião *Duas Águas* (1956). A poeta havia conhecido Cabral e sua poesia pouco tempo antes numa viagem à Andaluzia em companhia do marido e de amigos, quando foi ciceroneada pelo diplomata brasileiro e experimentou um verdadeiro “maravilhamento” com essa poesia. Nessa ocasião, teria lido “Poema(s) da Cabra”, posteriormente publicado em *Quaderna*, composição que, lida por ela em voz alta, agradava ao seu autor: “Eu lia a poesia que ele ainda não havia publicado. O poema da cabra, por exemplo. E ele gostava muito de me ouvir ler.” (ANDRESEN, 1999). Foi em casa de Sophia que Cabral conheceu Alexandre O'Neill, o curador de *Quaderna*.

No ano seguinte à publicação de *Quaderna*, Alberto da Costa e Silva incluiu Cabral numa relação de quase cem poetas brasileiros contemporâneos, publicada pelo Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Lisboa, com o objetivo de, segundo o Chefe de Escritório Fanor Cumplido Júnior na nota de apresentação, “tornar conhecidas em Portugal as novas tendências da poesia brasileira” (SILVA, 1961, p. 7). Na antologia, comparecem *Mulher sentada*, de *O Engenheiro*, *Uma Faca só Lâmina* na íntegra, e *Imitação da água*, de *Quaderna*, todos os poemas sobre a figura feminina.

Não tenho dados para aferir o papel dessa antologia na difusão da poesia de Cabral em Portugal nesse período, mas ela é exemplar de iniciativas que visavam a um maior intercâmbio poético entre os dois países, ou, conforme diz ainda Cumplido Júnior (SILVA, 1961, p. 7), “um gesto de boa

vontade de brasileiros para portugueses”, numa época em que, diga-se de passagem, não faltavam gestos de boa vontade poética entre os dois países.

A publicação mais relevante para a projeção do poeta em Portugal foi uma antologia exclusiva, intitulada *Poemas escolhidos* e publicada pela Editora Portugália em 1963, na coleção Poetas de Hoje. A seleção dos poemas foi feita por Alexandre O’Neill e o prefácio, assinado por Alexandre Pinheiro Torres, que também teria conhecido Cabral em casa de Sophia Andresen. Essa antologia forneceu, efetivamente, ao público português, uma amostragem bastante ampla do que o poeta brasileiro havia publicado até então. Nela constam poemas em seleção de *Pedra do Sono* (1942, 1), *O Engenheiro* (1945, 3), *Paisagens com Figuras* (1956, 5), *Quaderna* (1960, 6) e *Serial* (1961, 5), e, na íntegra, os poemas-livros *Psicologia da Composição com a Fábula de Anfion e Antiode* (1947), *O Cão sem plumas* (1950), *O Rio ou a Relação da Viagem que Faz o Capibaribe de sua Nascente à Cidade do Recife* (1954), *Morte e Vida Severina* (1956), *Uma Faca só Lâmina* (1956) e *Dois parlamentos* (1961).

A publicação dessa seleta teve uma repercussão crítica de grande alcance, suscitando várias resenhas, entre as quais se destacam as de Gaspar Simões (1964), Óscar Lopes (1963) e Eduardo Prado Coelho (1963).

Um outro fator que contribuiu sobremaneira para a projeção de Cabral em Portugal foram as apresentações teatrais do poema dramático *Morte e Vida Severina*, realizadas pelo grupo de Teatro da Universidade Católica de São Paulo, o TUCA. Em 1966, o TUCA recebeu, pela montagem teatral do poema *Morte e Vida Severina*, musicado por Chico Buarque, o prêmio de crítica e público no *IV Festival de Teatro Universitário de Nancy*. Após o Festival, o grupo realizou apresentações em Lisboa, Porto e Coimbra. As encenações repercutiram como um verdadeiro acontecimento. Cabral, que tinha ido a Portugal por conta das apresentações, foi entrevistado por jornais portugueses. Periódicos diversos publicaram artigos sobre o espetáculo. As revistas *Seara Nova*, de Lisboa, e *Plano*, do Porto, organizaram dossiês com depoimentos e artigos, nos quais é evidente o impacto positivo causado pela representação, a qual pôs em evidência, para o público português, o poema *Morte e Vida Severina*, de um modo particular, e a poesia de Cabral, de um modo geral.

Se, por um lado, a publicação de obras de Cabral por editoras portuguesas e as apresentações do TUCA tiveram um protagonismo na difusão da obra do poeta e motivaram várias resenhas, por outro, sua poesia oferecia, num contexto em que ainda vigorava um sistema político ditatorial, uma saída esteticamente válida a uma questão que estava em pauta para críticos e poetas desde o Neorealismo, ou seja, a necessidade do compromisso social da poesia. Ida Alves (2003, p. 84) observa que “a poesia, em Portugal, chegava a esses anos [1960] com o fardo do compromisso sócio-político herdado da orientação neo-realista e com a ânsia da renovação estética”. A poesia cabralina, aberta, a partir de *O Cão sem Plumas*, à representação explícita da realidade, sem, entretanto, prescindir da forma tensa e pessoal atingida em *Psicologia da Composição*, concilia o compromisso sócio-político com a ânsia de renovação, oferecendo, pois, um caminho exemplar para uma questão premente à inteligência portuguesa. Provavelmente por isso conseguiu ser apreciado por leitores tão diversos, como o representante da velha crítica João Gaspar Simões, o crítico do Neorealismo Alexandre Pinheiro Torres e o representante da nova crítica Eduardo Prado Coelho.

Neste cenário já preparado, quando o poeta publicou, no Brasil, *A Educação pela Pedra*, em 1966, o livro, pela sua ordem de dificuldade, não alcançou, em Portugal, um público tão amplo quan-

to o auto de Natal, mas foi apreciado criticamente por leitores especialistas, entre os quais Arnaldo Saraiva (1967), Eduardo Prado Coelho (1967) e Óscar Lopes (1968).

O Primeiro Crítico Português de *A Educação pela Pedra*

Saraiva, que leu *A educação pela pedra* quando de seu lançamento no Brasil e publicou, em 27 de agosto de 1966, no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, uma resenha sobre o livro, é o seu primeiro crítico português. Nessa resenha, republicada, em 1967, no *Diário de Notícias*, de Lisboa, com o título “O último livro de João Cabral de Melo Neto”, o argumento central é a dificuldade de leitura imposta pela obra:

eis um livro que custa os olhos da cara. Não pelo preço de capa, naturalmente; mas pelo preço que cobra ao leitor que pretenda possuí-lo: preço de atenção, de esforço intelectual, de coragem psíquica e até física. A Educação pela Pedra é, na verdade, um livro duro como a dita, áspero, difícilimo de ler (SARAIVA, 1967, p. 13).

A recusa da facilidade, que implica, naturalmente, a criação de dificuldades ou resistências, estaria, segundo o crítico, sobretudo, nas constantes violências sintáticas; na exclusividade concedida ao verso longo, de 10, 11, 12 e mais sílabas, “muito mais pesado ou ‘resistente’ que o verso curto” predominante na poesia anterior; no uso acumulado de símbolos, aos quais o poeta se esforça por dar uma configuração concreta; e no “rigoroso esquema” do livro (SARAIVA, 1967, p. 14).

Saraiva descreve e exemplifica cada um dos indicadores da dificuldade do livro. Mas interessa destacar uma discreta e dubitativa reserva feita por ele ao rigor posto na estrutura da obra, ao seu “geometrismo”, quando diz que, com esse geometrismo, o poeta teria querido, “talvez sem grande resultado, transformar os diversos poemas em um mesmo poema” e por conta disso teria repetido “*ipsis verbis*” dois ou três poemas (alterando apenas a ordem dos versos e do título) (SARAIVA, 1967, 14).

Ler *A educação pela pedra* a partir da dificuldade de leitura estabelecida pelo livro, tomando essa dificuldade como critério de valor, ainda hoje é uma constante na recepção luso-brasileira do poeta, mas talvez o tenha sido ainda mais quando das primeiras recepções, por conta da voga do formalismo e do estruturalismo e de vanguardas como a Poesia Concreta. Nesse sentido, em resenha publicada uns quatro meses depois da de Arnaldo Saraiva, o poeta brasileiro Augusto de Campos também destaca, entre outros aspectos, o caráter “[d]ifícil e exigente” do livro, a “exigir do leitor [...] não ‘atos de imolação’, mas ‘atos complexos de discernimento’” (CAMPOS, 1978, 50).

Mas enquanto Augusto de Campos toma a dificuldade do livro e o conseqüente afastamento do leitor como um valor *tout court*, associando, numa equação simplificadora, “êxito comunicativo” com fracasso poético, e “fracasso comunicativo” com “êxito da poesia”, Arnaldo Saraiva vê uma grande virtude na boa poesia que logra comunicação com um público mais amplo. Antes da resenha de *A Educação pela Pedra*, impactado pela encenação de *Morte e Vida Severina* pelo TUCA, que assistira no Rio de Janeiro, o crítico havia escrito uma outra em que louva a sensibilização pública desse poema de “superior qualidade artística”:

nunca me fora dado assistir a uma representação teatral que resolvesse com tanta felicidade o aparente (e para muitos ainda real) dilema vanguarda-povo, que destrísse com tanta eficácia o mito (que é ainda de muitos) da incompatibilidade entre a superior qualidade artística e a comunicação com o grande público (SARAIVA, 1966, p. 5).

A dificuldade de *A educação pela pedra* descrita por Arnaldo Saraiva no momento da publicação do livro e hoje convertida em verdadeiro truísmo pela crítica cabralina, certamente não desagradou a Cabral na ocasião. O próprio Saraiva (2014, p. 98), em recordações do amigo poeta, conta que este muitas vezes o saudava com as palavras iniciais da primeira resenha: “Eis um livro que custa os olhos da cara”.

A dificuldade vista como um valor poético, como algo que deve ser deliberadamente criado pelo poeta para obstar a leitura fluviente, flutual, encontra-se teorizada no poema *Catar feijão* à maneira de uma exortação poética. Considerando a dimensão crítica desse e de vários poemas do livro, Saraiva (1967, p. 14) declara em um dos parágrafos finais da resenha: “Em poucos versos, o grande poeta nordestino [...] faz a crítica que eu gostaria de ter feito ao longo destas linhas”. Ou seja, os poemas críticos de *A educação pela pedra* constituem eles próprios a primeira leitura do livro; leitura que, de certa forma, orienta o argumento da resenha inaugural sobre ele em Portugal.

Se a Cabral não desagradou a ênfase de Saraiva na dificuldade do livro, talvez não se possa dizer o mesmo da discreta restrição do crítico ao seu “geometrismo”, com o qual teria querido o poeta, nas palavras do crítico, “transformar, **talvez sem grande resultado**, os diversos poemas em um mesmo poema” (SARAIVA, 1967, p. 14. Grifos nossos).

Cabral registra, em entrevistas, que *A educação pela pedra* é, como estrutura, a sua obra mais tensa (ATHAYDE, 1998, p. 112), ou seja, aquela em que levou ao extremo o construtivismo, a concepção do livro como uma obra planejada e rigorosamente executada, conforme entende a partir de *Psicologia da Composição*. Tal seria o planejamento de *A Educação pela Pedra* que Antonio Carlos Secchin publicou, na edição da *Colóquio/Letras* que homenageia Cabral, uma “planta baixa” traçada pelo poeta. No caso de *A educação pela pedra* e já em livros anteriores, construtivismo quer dizer também obsessão pela simetria.

Esse construtivismo se refletiria ainda na composição dos poemas, numa reescrita insistente, sobre a qual há até uma espécie de anedotário divulgado pelo próprio poeta. Nesse sentido, Cabral declara, por exemplo, que teria escrito 48 versões de um dos poemas permutáveis de *A Educação pela Pedra*, mas incluído duas (SECCHIN, 1999). Declara ainda que o antológico “Tecendo amanhã” teria lhe custado nove anos de trabalho (esse tempo varia de uma a outra entrevista), esclarecendo, entretanto, que não ficou esses anos escrevendo o poema, mas que começou a escrevê-lo, e, como ele não se encaixava na estrutura dos livros que ia publicando, ficou guardado, até que pôde ser inserido na obra cujos poemas se fundam numa estrutura binária (STEEN, 2008). “Tecendo amanhã” é exemplar não só do construtivismo dos poemas do livro, mas de uma subordinação dos poemas a uma organização estrutural, conforme era gosto do poeta.

Sobre esse construtivismo e essa prevalência da estrutura sobre os poemas individuais, o primeiro leitor português de *A educação pela pedra*, Arnaldo Saraiva, não demonstra muita empolgação, ou melhor, manifesta uma discreta e dubitativa reserva.

A crítica posterior tenderá, na esteira do próprio Cabral, a supervalorizar o construtivismo da obra. Considerado, entretanto, isoladamente, como um valor em si, sem o contraponto com os poemas individuais, esse construtivismo revela-se pouco produtivo e não dá conta de evidenciar a força de um livro como *A Educação pela Pedra*. Seria preciso tempo, acúmulos e saturações críticos, para que se realizassem leituras mais produtivas desse construtivismo, as quais revelassem suas tensões, ou mesmo o relativizassem.

Uma Leitura Contemporânea de A Educação pela Pedra

Ainda que Cabral continue sendo lido em Portugal nas décadas de 1970, 1980 e 1990, em parte graças à criação da cadeira de Literatura Brasileira em várias universidades portuguesas é nos anos 2000 que a sua poesia recebe uma atenção crítica comparável àquela do decênio de 1960. Enquanto os primeiros leitores portugueses de João Cabral realizavam uma crítica de jornal, destinada também a um público mais horizontal, em um momento em que poetas e ficcionistas brasileiros desfrutavam de uma grande acolhida em Portugal, a crítica contemporânea do poeta academizou-se, investiu-se de uma metalinguagem específica, sendo publicada originalmente, sobretudo, em periódicos especializados e destinada a um público de especialistas.

Arnaldo Saraiva, hoje professor emérito da Universidade do Porto, persiste como crítico atuante e como leitor ativo de João Cabral. Também *A educação pela pedra* continua como livro de interesse em Portugal. Prova é que, em 2006, foi a obra escolhida do autor para integrar a coleção Curso Breve de Literatura Brasileira, da Editora Cotovia. Conforme esclarece o diretor da coleção, Baptista, professor da Universidade Nova de Lisboa, trata-se de “uma coleção de dezasseis volumes concebida para formar, no seu conjunto, uma selecta ou manual de estudo de acordo com um itinerário de leitura coerente e organizado”. *A Educação pela Pedra* e *Claro Enigma* são as únicas edições autônomas de poetas brasileiros, figurando outros poetas em antologias, como *Seria uma Rima, não Seria uma Solução*. *A Poesia Modernista* e *As Aves que Aqui Gorjeiam – A Poesia do Romantismo ao Simbolismo*. Essa edição de *A Educação pela Pedra* recupera a distribuição estrófica dos poemas da edição príncipe, com a primeira estrofe na página par e a segunda na página ímpar, o que comprova não só um zelo editorial, mas o apreço dos envolvidos na publicação pela dimensão visual e tipográfica do livro. Acompanha a edição um posfácio de Carlos Mendes de Sousa, em que o professor da Universidade do Minho realiza, tendo em vista um público português, uma apresentação geral da obra de Cabral, na qual situa *A Educação pela Pedra*.

Não vou, entretanto, justamente pelo seu caráter mais geral, me ater a esse posfácio. Me ocuparei de um texto de Baptista que integra *O Livro Agreste*, publicado pela Editora da Unicamp, em 2005. O livro traz dois tópicos específicos sobre *A Educação pela pedra*, tendo sido um deles publicado no número especial da *Colóquio/Letras* de 2000 que homenageia Cabral. O ponto de partida de *O Livro Agreste* são relatórios das aulas, da disciplina Literatura Brasileira, ministradas por Baptista na Universidade Nova de Lisboa. Mas o lugar do poeta no livro não se limita a esses dois textos. A leitura que Baptista realiza de Cabral ocupa um lugar fundamental em sua proposta de desvincular, em *O Livro Agreste*, a literatura brasileira do projeto de nacionalidade sustentado por Antonio Candido e seus continuadores. Como a literatura brasileira, conforme esse projeto, teria se constituído, primeiro, ne-

gando Portugal (Romantismo), depois, desinteressando-se dele (Modernismo), Cabral, que reconhece o débito dos poetas de 45 para com os de 30, vendo naqueles uma extensão das conquistas destes, seria “o primeiro grande poeta brasileiro a formar-se no quadro delimitado da poesia brasileira e o primeiro em cuja poesia, particularmente, não existe qualquer diálogo com a tradição poética portuguesa” (BAPTISTA, 2005, p. 50).

O argumento de Baptista tem a sua razão de ser. Primeiro quando consideramos que até *Psicologia da Composição*, livro em que Cabral atinge plenamente o seu estilo, as suas principais referências poéticas são, além dos franceses Valéry e Mallarmé, os modernistas brasileiros, mormente Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes e o pernambucano Joaquim Cardozo. Além disso, assume, a partir dos anos 1960, quando se dá a sua canonização em Portugal, um discurso lusófono.

Desde os tempos da publicação de *Pedra do Sono*, Cabral enviava livros seus a intelectuais portugueses, prova de que almejava, desde o início da carreira, ser lido e reconhecido em Portugal. Também, desde pelo menos 1961, reverencia, em poesia e em entrevistas, Cesário Verde como o seu precursor na poesia portuguesa, como o maior poeta português e como aquele que mais o influenciou; reverência que manterá até as últimas entrevistas. Antes disso, já nos anos 1950, externa, em cartas a Alberto de Serpa, com quem organizou a revista *O Cavalo de Todas as Cores*, sua admiração por Cesário Verde. Entretanto, a partir da década de sua canonização em Portugal, momento muito fecundo para os diálogos poéticos luso-brasileiros, começa a emitir, em depoimentos, juízos de valor depreciativos sobre a poesia portuguesa e sobre o coração do cânone dessa poesia, sobretudo Camões e Fernando Pessoa (ATHAYDE, 1998, p. 126), e a omitir leituras que efetivamente tinha dessa tradição literária (FREIXEIRO, 1971, p. 184); juízos de valor e omissões que evidenciam uma lusofobia que marca tanto escritores quanto críticos do modernismo brasileiro, como bem evidenciou Arnaldo Saraiva (2015) em seu *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*.

Mas se o argumento de Baptista não é impecável, entretanto, precisa ser relativizado. Primeiro porque há uma corrente subterrânea da tradição portuguesa bastante forte na formação de Cabral, ainda que só se explicita a partir da década de 1950, que é a poesia popular, por meio da qual o menino de engenho que ele foi descobriu a literatura, como recorda em versos de *A Escola das Facas* (MELO NETO, 2008, p. 421), e que é a fonte primária de *Morte e Vida Severina* (1956). Essa tradição popular, se genuinamente pernambucana, sem deixar de sê-lo, é também anteriormente portuguesa, como comprovou Maria Aparecida Ribeiro (2019) no artigo “Quando os Poetas se Encontram: Martins Pena, Cecília Meireles, João Cabral e o Cancioneiro Popular Luso-Brasileiro”.

Mas se não há, até a publicação de *Serial*, de 1961, qualquer diálogo explícito na obra de Cabral com uma tradição poética que não a popular ou se o poeta diz em entrevistas não se identificar com essa tradição, ele também declara não se identificar com a tradição brasileira, negando igualmente as duas literaturas. Essa posição, mais do que consequência de um alheamento ou de uma negação pontual em nome de um projeto nacionalista, talvez seja decorrência de uma postura fortemente negativa em face da determinação do eu na poesia lírica. Considerando a poesia luso-brasileira marcadamente subjetiva, não poderia ele, portanto, nela se reconhecer facilmente. Negar essa tradição, negar a sua tradição, que é antes de todas a luso-brasileira, não é ser indiferente a ela, mas situar-se originalmente diante dela para poder continuá-la, revigorando-a.

Não casualmente, quando o poeta já maduro de *Serial* homenageia a tradição brasileira e portuguesa no poema *O Sim contra o Sim*, nela se entroncando, escolhe, para fazê-lo, dois poetas de exceção: Augusto dos Anjos e Cesário Verde. Entre os dois, a considerar vários depoimentos de Cabral, o português é tomado como o pai poético por excelência, como aquele que está a contrapelo do que considera o excessivo lirismo luso-brasileiro.

Feita essa contextualização do lugar de Cabral n’*O Livro Agreste* e em relação a ela me posicionado, é preciso ir às duas leituras sobre *A Educação pela Pedra*, que figuram na última parte do livro de Baptista. Dessas leituras, uma, inicialmente mais próxima de um relatório de aula, se ocupa de uma apresentação do plano do livro e concentra-se sobretudo em um minucioso exame das composições emparelhadas “O Mar e o Canavial” e “O Canavial e o Mar”, revelando a relação delas com o plano geral da obra. A segunda leitura consiste em um ensaio sobre o poema “O Hospital da Catinga” e foi publicada anteriormente no número da revista *Colóquio/Letras* que homenageia Cabral. Nos dois textos, o lugar de Cabral no projeto nacionalista da literatura brasileira não está mais em questão e ambos evidenciam o leitor perspicaz que é Baptista.

Contemplarei aqui apenas o primeiro texto devido ao seu alcance analítico mais amplo, revelando o papel das composições emparelhadas no plano geral do livro, além de o segundo já ter sido objeto de um artigo de Viviana Bosi (2015), publicado na revista *Abril*, sobre a recepção crítica portuguesa contemporânea de Cabral.

Na parte introdutória do texto contemplado, Baptista apresenta um programa de leitura do livro, a ser realizado ao longo de seis aulas e em que examinará 12 poemas. Apresenta também a fundamentação crítica das aulas, com os canônicos e indispensáveis livros de João Alexandre Barbosa, Benedito Nunes e Marta Peixoto. Na sequência, realiza uma apresentação bastante minuciosa do plano de *A Educação pela Pedra*, a mais minuciosa de que tenho notícia, em que consta, inclusive, um gráfico que comprova a sequência absolutamente regular dos poemas em cada seção do livro.

Segundo Baptista (2005, p. 181), esse plano evidencia, por um lado, o livro como “construção acabada, obedecendo a um projeto rigoroso e rigorosamente executado, com cada peça ocupando o lugar que o todo lhe determina” e, por outro, por meio da “repetição em diferença”, de que seriam exemplares as composições emparelhadas, o livro apresenta-se como “construção a fazer-se [...] com momentos de instabilidade ou de construção provisória e, sobretudo, com inclusão do estaleiro na obra final, no propósito de fazer coincidir obra acabada com reflexão sobre o processo de construção”.

Esse argumento é desenvolvido por meio da análise das composições emparelhadas “O Mar e o Canavial” e “O Canavial e o Mar”. A leitura dessas composições emparelhadas revela, segundo Baptista, que a segunda composição denuncia a incompletude da primeira. Mas só se sabe que a primeira composição é incompleta ao se ler a segunda. A segunda composição desestabiliza, assim, a ideia de acabamento que a construção do livro faz supor, ao dar a ver fábrica do poema, revelando o primeiro poema como construção provisória e precária. Assim, pois, fechando com as palavras de Baptista (2005, p. 182): “a repetição abala o edifício ao rever retroativamente o repetido, ao torná-lo dependente da repetição [...] Os poemas duplicados constituem o exemplo privilegiado da [...] tensão que mantém o livro”.

Nesse ensaio, Baptista parece desenvolver, exemplificar e provar uma constatação feita por Marta Peixoto (1983, p. 187) no clássico livro-tese *Poesia com Coisas*, quando ela observa que “o construtivismo de João Cabral, mesmo nesta coletânea em que se manifesta exarcebado, não forma uma configuração tranquila nem um todo em equilíbrio. [...] é um construtivismo em luta consigo mesmo, que indaga seus próprios limites”.

Essa leitura de Baptista parece também exemplar de uma tendência, entre alguns leitores mais recentes de Cabral, tanto em Portugal quanto no Brasil, de lançar novas miradas sobre o construtivismo que estaria na base de *A Educação pela Pedra*, seja relativizando-o, seja evidenciando os seus pontos de tensão.

TWO MOMENTS OF THE PORTUGUESE CRITICAL RECEPTION OF A EDUCAÇÃO PELA PEDRA

Abstract: *In this papere I follow the Portuguese critical reception of A Educação pela Pedra in the 1960s and in the contemporary world, based on two readings of the book, one from 1966, authored by Arnaldo Saraiva, and the other published by Abel Barros Baptista almost 40 years ago later.*

Keywords: *João Cabral de Melo Neto. Critical reception. Portuguese critical.*

Notas

- 1 Sobre Sophia leitora de Cabral, ver o artigo “Uma obsessão leitora: João Cabral de Melo Neto por Sophia de Melo Breyner Andresen” (FIUZA, 2019).
- 2 Ano de publicação do livro, seguido do número de poemas incluídos na antologia.
- 3 A resenha, juntamente com outros trabalhos éditos e inéditos de Saraiva sobre Cabral, foi reunida em 2014 no livro *Dar a Ver e a se Ver no Extremo: o Poeta e a Poesia de João Cabral de Melo Neto*.
- 4 Francisco Rocha (2012), em artigo que constitui um recorte de sua tese e no qual, por meio do exame de manuscritos do livro de 1966 e à luz da crítica genética, relativiza o construtivismo cabralino, diz que a comparação da “planta baixa” do livro publicada por Antonio Secchin com os manuscritos dos poemas revela que essa planta é posterior à composição dos textos, o que inverteria a lógica arquitetônica.

Referências

- ALVES, Ida Ferreira. Diálogos e silêncios na poesia portuguesa: décadas de 60 a 90. *Revista Letras*, Curitiba, n. 59, p. 83-92, jan./jun. 2003.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. A Poesia de João Cabral de Melo Neto. *Encontro*, Lisboa, n. 28, p. 12, abr. 1960.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Ganhadora do Prêmio Camões, Sophia de Mello Breyner fala de seus métodos e dos encontros com autores brasileiros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 set. 1999. Poesia. A literatura da cisma. Entrevista por João Almino. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2609199907.htm>. Acesso em: 11 abr. 2015.

ATHAYDE, Félix (org.). *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FBN; Mogi das Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

BAPTISTA, Abel Barros. *O Livro agreste*. Campinas, SP: Unicamp, 2005.

BOSI, Viviana. Cabral aporta em Portugal: poesia brasileira lida pela crítica portuguesa atual. *Abril – NEPA/UFF*, v. 7, n. 15, p. 143-160, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29875>. Acesso em: 29 jul. 2020.

CAMPOS, Augusto de. Da Antioide à Antilira. In: CAMPOS, Augusto de. *Poesia Antipoesia Antropofagia*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978. p. 49-54.

COELHO, Eduardo Prado. João Cabral de Melo Neto, *Poemas escolhidos*. Seara Nova, Lisboa, p. 227, dez. 1963. Livros.

COELHO, Eduardo Prado. A educação pela pedra. *Diário de Lisboa*, Lisboa, p. 2 e p. 8, 20 abr. 1967. Vida literária e artística. 2º Caderno, n. 455.

COLÓQUIO Letras. *Paisagem tipográfica: homenagem a João Cabral de Melo Neto*, Lisboa, n. 157-158, jul./dez. 2000.

FIUZA, Solange. Uma obsessão leitora. *Remate de Males*, Campinas, v. 39, p. 278-300, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8653863> Acesso em: 29 jul. 2020.

FREIXEIRO, Fábio. João Cabral de Melo Neto: roteiro de auto-interpretação. In: FREIXEIRO, Fábio. *Da razão à emoção II: ensaios rosianos e outros ensaios e documentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971. p. 179-192.

LOPES, Óscar. João Cabral de Melo Neto, Poesias escolhidas. *O comércio do Porto*, Porto, p. 6, 10 dez. 1963. Cultura e arte. A crítica do livro.

LOPES, Óscar. João Cabral de Melo Neto, A Educação pela pedra. *Comércio do Porto*, Porto, 23 jan. 1968, p. 13. Cultura e arte. A crítica do livro.

MELO NETO, João Cabral. *Quaderna*. Lisboa: Guimarães Editores, 1960.

MELO NETO, João Cabral. *Poemas escolhidos*. Seleção de Alexandre O'Neill e prefácio de Alexandre Pinheiro Torres. Lisboa: Portugalíia, 1963.

MELO NETO, João Cabral. *A Educação pela pedra*. Prefácio de Carlos Mendes de Sousa. Lisboa: Cotovia, 2006. Curso breve de Literatura Brasileira, v. 12.

MELO NETO, João Cabral. *Poesia completa e prosa*. Introdução, organização, notas e estabelecimento do texto Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

PEIXOTO, Marta. *Poesia com coisas*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

PLANO. O TUCA no Porto. *Plano: Cadernos Antológicos de Cinema e Teatro*, Porto, n. 4, p. 58-67, out.1966.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Quando os poetas se encontram: Martins Pena, Cecília Meireles, João Cabral e o cancionero popular Luso-Brasileiro. In: TAVARES, Paula; WEIGERT, Beatriz; LOUSADA, Isabel (org.). *Ensinar o Brasil a toda a gente: homenagem a Vania Pinheiro Chaves*. Lisboa: Theya, 2019. p. 582-598.

ROCHA, Francisco J. G. L. O Canteiro do poeta arquiteto: a conduta criativa de João Cabral de Melo Neto à luz de seus manuscritos. *Revista IEB*, n. 55 p. 127-147, mar./set. 2012.

SARAIVA, Arnaldo. Carta do Brasil. Um grande acontecimento teatral: Morte e vida severina de João Cabral de Melo Neto. *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, p. 5-15, 5 jan. 1966.

SARAIVA, Arnaldo. A educação (Poética) pela pedra. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 2, 27 abr. 1966.

SARAIVA, Arnaldo. O último livro de João Cabral de Melo Neto. *Diário de notícias*, Lisboa, 19 Jan. 1967.

SARAIVA, Arnaldo. *Dar a ver e a se ver no extremo: o poeta e a poesia de João Cabral de Melo Neto*. Porto: CITCEM, Edições Afrontamento, 2014.

SARAIVA, Arnaldo. *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015.

SEARA NOVA. Morte e Vida Severina. *Seara Nova*, Lisboa, p. 213-215, jul. 1966.

SECCHIN, Antonio Carlos. Entrevista de João Cabral de Melo Neto. In: SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a Poesia do menos e outros ensaios cabralinos*. 2. ed, rev. e amp. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 325-333.

SILVA, Alberto da Costa (org.). *A Nova Poesia Brasileira*. Lisboa: Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Lisboa, 1960.

SIMÕES, João Gaspar. A Poesia, essa Estranha Invenção. *Letras e Artes: Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 185, p. 1 e p. 10, 19 nov.1950.

SIMÕES, João Gaspar. Tempo espanhol e poemas (1925-1955), por Murilo Mendes. *Quaderna e Duas Águas* (Poemas Reunidos), por João Cabral de Melo Neto. *Diário de Notícias*, Lisboa, p. 15 e p. 19, 9 jun.1960. Crítica literária.

SIMÕES, João Gaspar. Poemas escolhidos, por João Cabral de Melo Neto. *Diário de Notícias*, Lisboa, p. 15-16, 1 jan. 1964. Crítica Literária.

STEEN, Edla Van. [entrevista com João Cabral de Melo Neto] *Viver e Escrever*, v. 2. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 11-17.